

HILDEBRANDO DE CASTRO INTERSECÇÃO





ZIPPERGALERIA



ZIPPER GALERIA

Rua Estados Unidos, 1494
Jardim América, São Paulo
CEP 01427-001 - Brasil
+55 11 4306 4306
zipper@zippergaleria.com.br
[@zippergaleria](https://www.instagram.com/zippergaleria)

ABERTURA

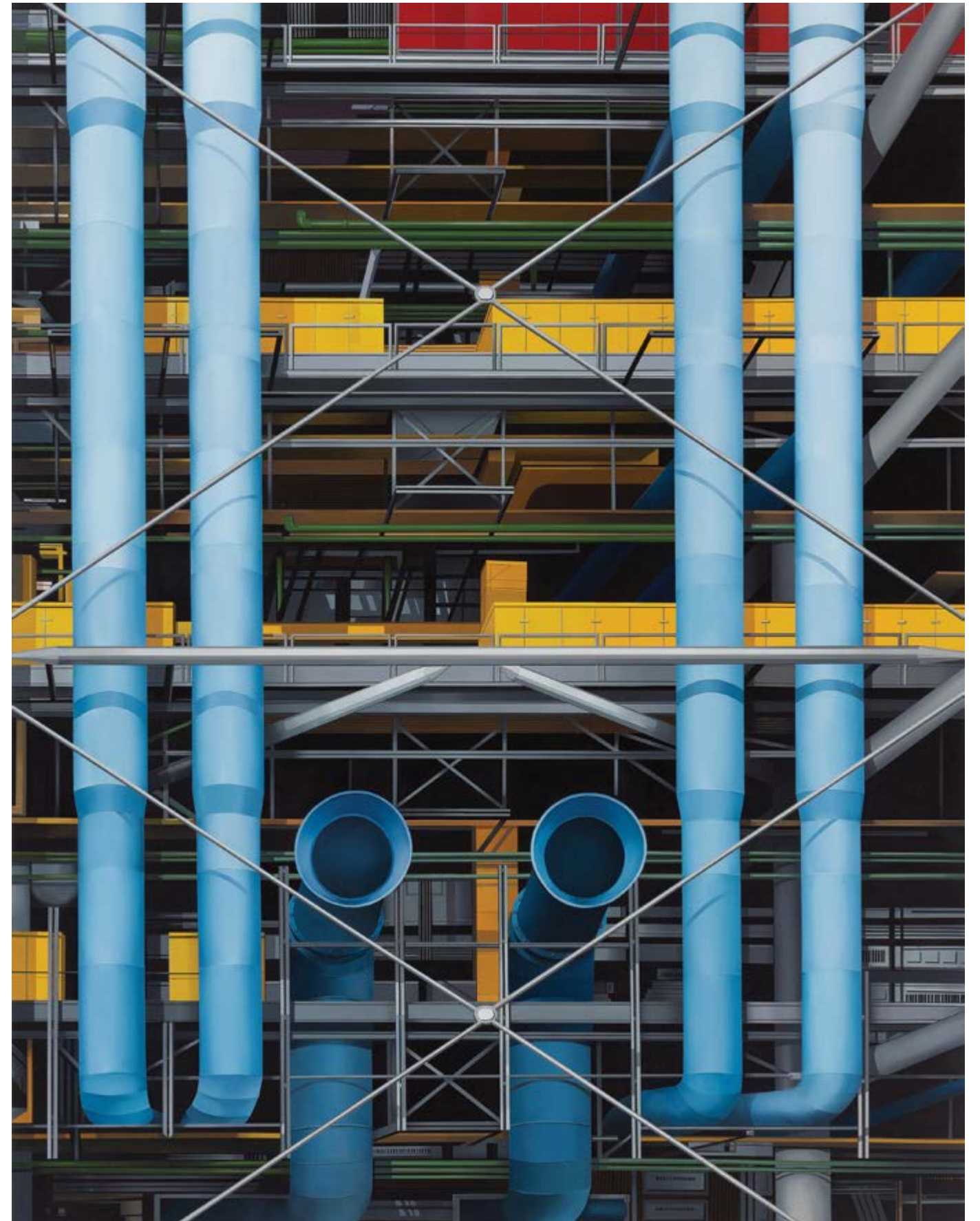
5 de abril de 2022, das 19h às 22h

EXPOSIÇÃO

6 de abril a 7 de maio de 2022

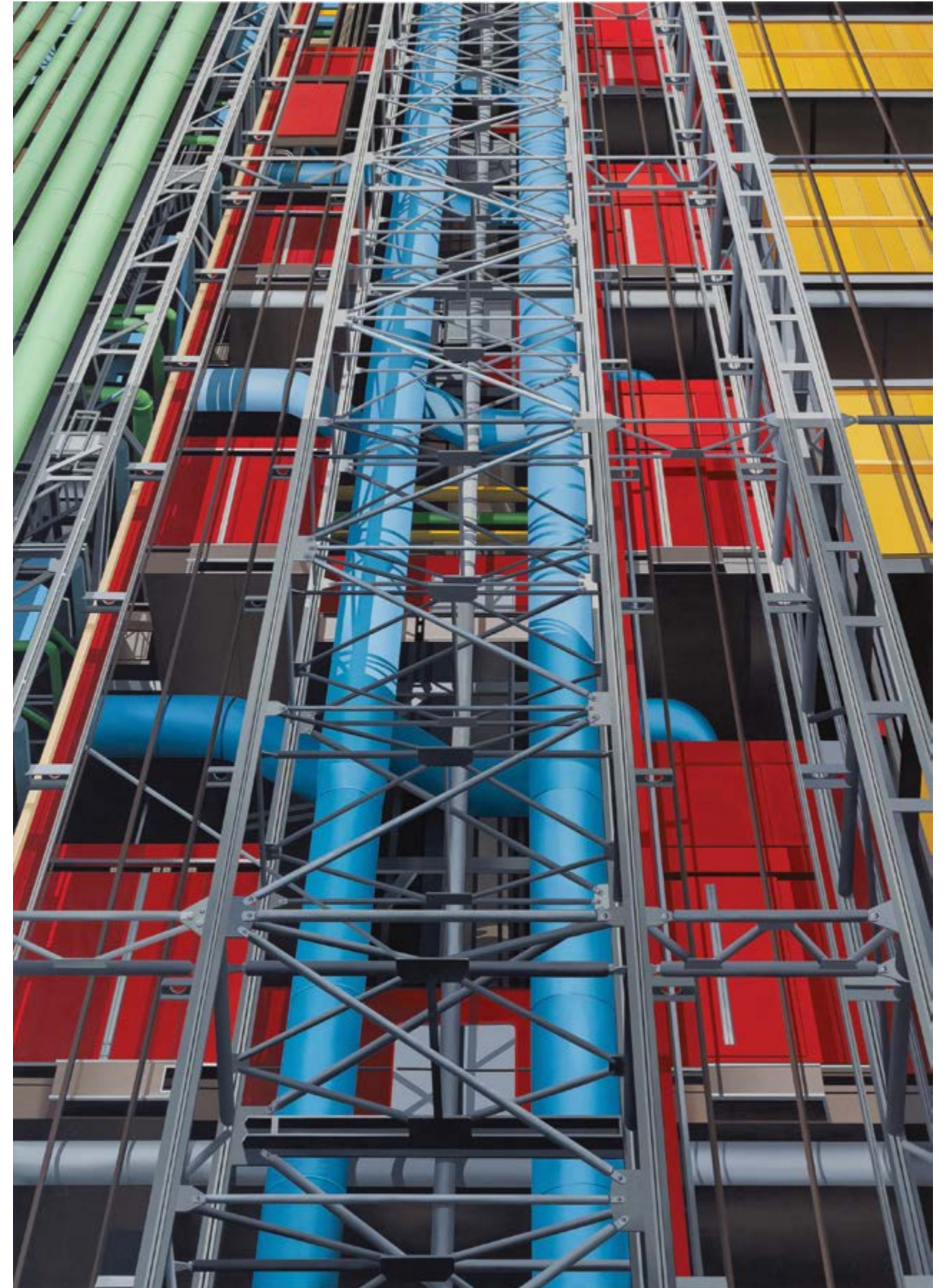
HILDEBRANDO DE CASTRO
PINTURAS

#1 Beaubourg
Acrílica s/ tela
180 cm x 140 cm
2019

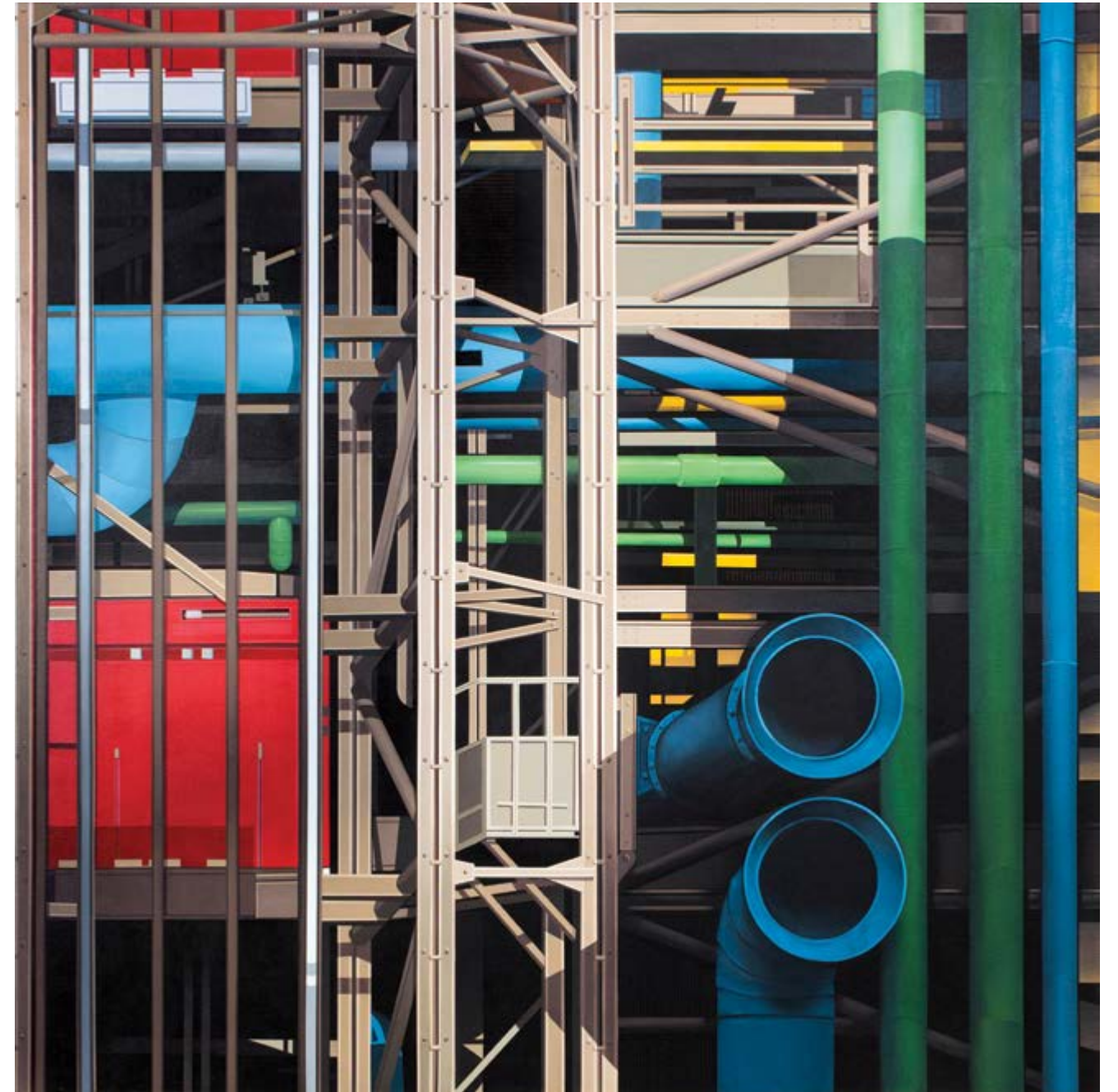


#2 Beaubourg

Acrílica s/ tela
280 cm x 200 cm
2019 / 2020



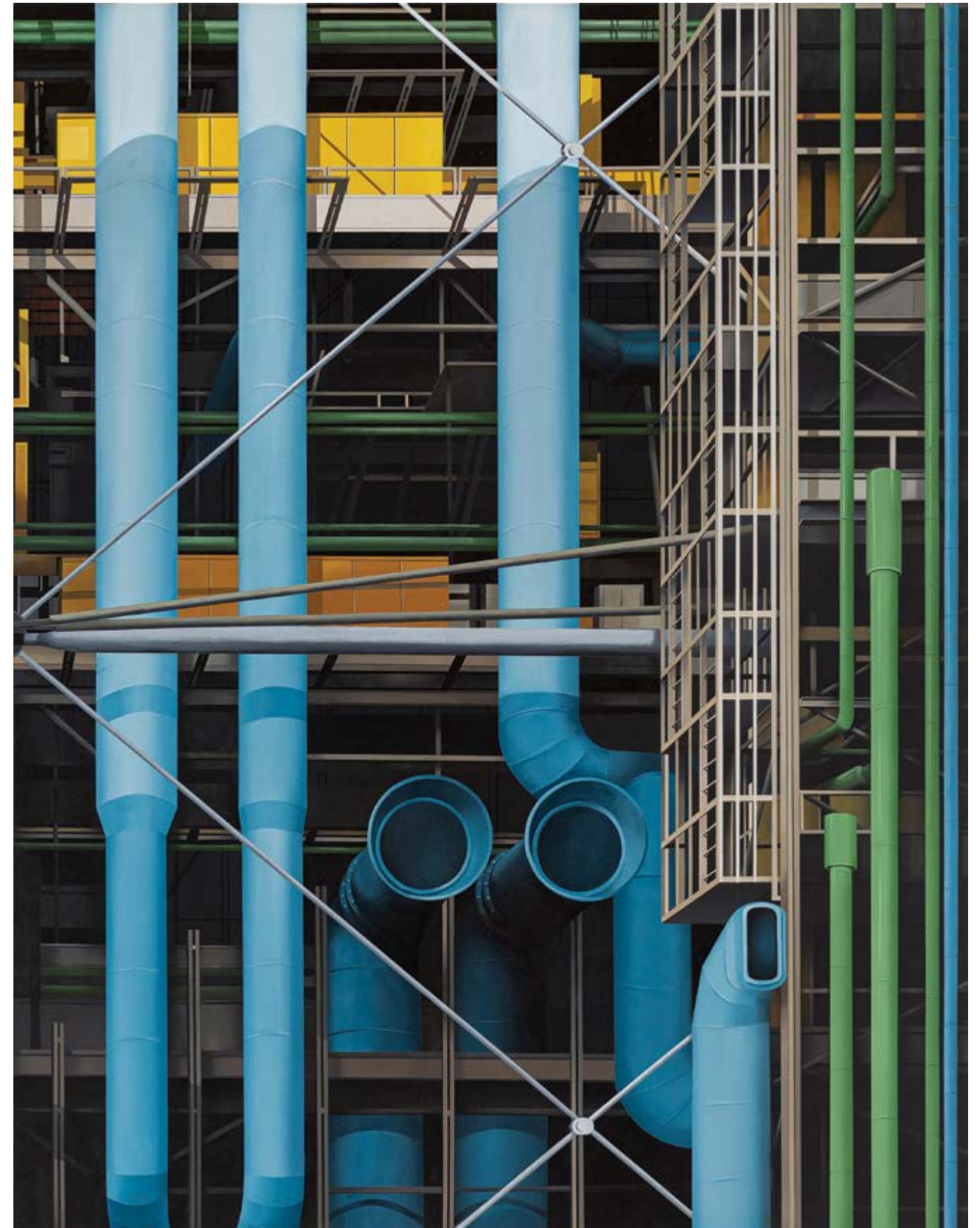
#3 Beaubourg
Acrílica s/ tela
140 cm x 140 cm
2020



#4 Beaubourg
Acrílica s/ tela
200 cm x 200 cm
2020 / 2021

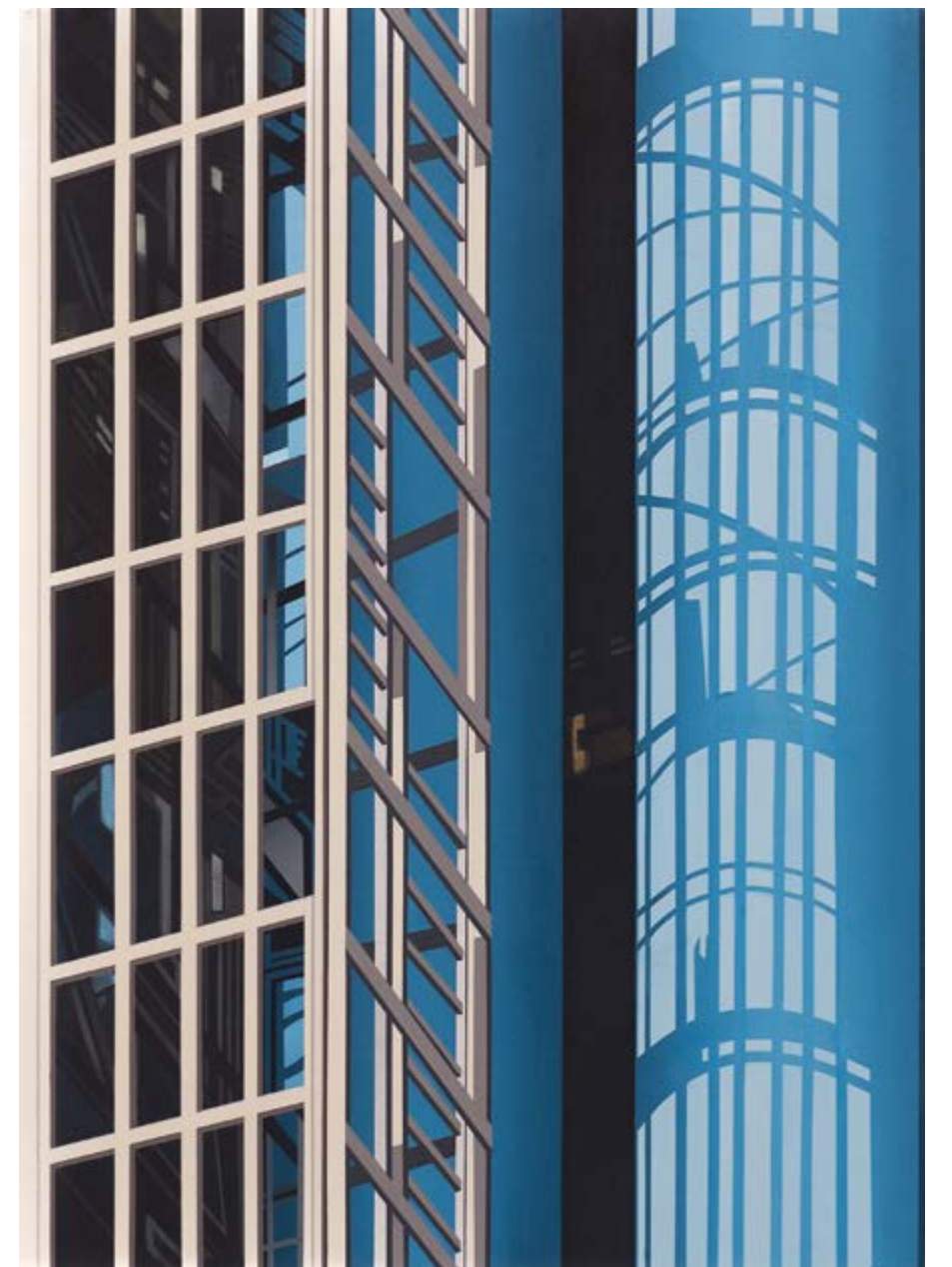


#5 Beaubourg
Acrílica s/ tela
180 cm x 140 cm
2021



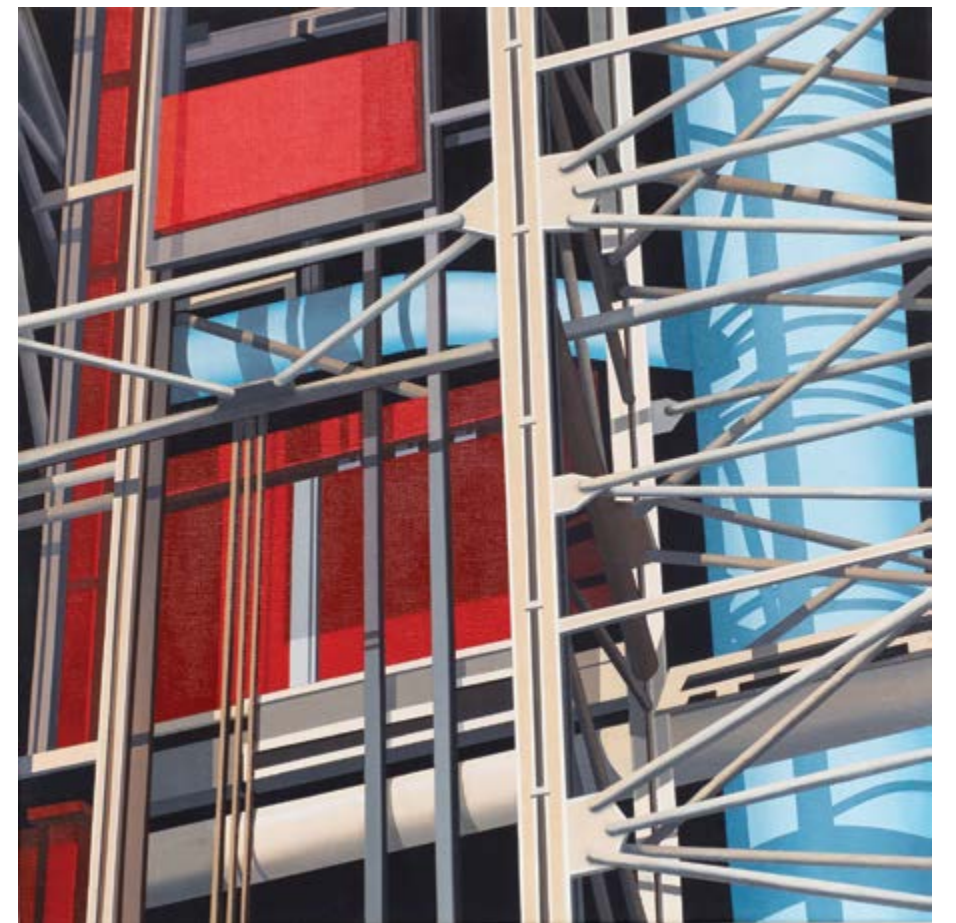
#6 Beaubourg

Acrílica s/ tela
70 cm x 50 cm
2021



#7 Beaubourg

Acrílica s/ tela
50 cm x 50 cm
2021



“O artista opera na intersecção de mais de uma intenção.”
– Adrian Stokes

INTERSECÇÃO



A Zipper Galeria tem o prazer de apresentar **Intersecção** – uma exposição de obras de Hildebrando de Castro produzidas entre 2019 e 2021, nas quais as linhas de força e perspectiva são um tema central. O artista compromete-se, em um mundo de precariedade, a oferecer-nos a opulência das cores e, em cada uma de suas composições visuais, a abrir uma porta majestosa para o espaço tridimensional.

A palavra de origem latina *intersect* significa “dividir em partes.” Neste conjunto de sete pinturas acrílicas, de Castro aposta na geometria e na ótica. O artista claramente estabelece divisões e, ao mesmo tempo, cria junções por meio de linhas horizontais, verticais e diagonais. Linhas (os caminhos de pontos móveis), planos e gradações cromáticas são justapostos, mas encontram um ponto de intersecção.

Esta postura artística ecoa a teoria do filósofo François Cheng, segundo o qual “a verdadeira beleza que apreendemos consiste em intersecção e interação, ou seja, encontros ativos em vários níveis.”

De Castro viaja regularmente para ampliar seus horizontes de descoberta. Em outubro de 2019, o artista passou vários dias perambulando pelas ruas de Paris em busca de um novo tema para pintar. As possibilidades no âmbito da arquitetura contemporânea eram abundantes. Finalmente, o artista se inspirou no engenheiro Peter Rice (1935-1992), conhecido por seu pioneirismo em inovação.

A habilidade estratégica de Rice de ultrapassar os limites técnicos permitiu aos arquitetos projetar edifícios não convencionais com ousadia estrutural. Renzo Piano e Richard Rogers maximizaram a identidade visual arquitetônica do Centre Georges Pompidou com base nas habilidades matemáticas e na sensibilidade poética de Peter Rice. Juntos, venceram o concurso internacional para construir um marco arquitetônico do século XX, um fórum de participação pública e de cocriação. O centro cultural e artístico parisiense, inaugurado em 1977, no ano em que de Castro completou 20 anos, tornou-se um espaço de memória coletiva.

O poder alegre das cores, os detalhes espetaculares e a possibilidade de expressar a maleabilidade da perspectiva cristalizaram o interesse do artista. Edward S. Casey, o especialista americano em fenomenologia, ressalta que “os elementos da arquitetura não são unidades visuais ou Gestalt; são encontros, confrontos que interagem com a memória.”

Beaubourg, a usina geométrica de vidro e aço, colocou a imaginação do artista na intersecção do passado e do presente. De Castro escolheu a elevação da fachada, codificada em cores, voltada para a Rue du Renard, do outro lado da praça principal. Por vários dias, observou o trajeto da luz do sol e das nuvens, seus reflexos e o cruzamento de formas.

De volta em São Paulo, Hildebrando de Castro abordou seu esforço criativo com sofisticação. As pinturas foram elaboradas durante meses na pandemia. O artista empregou seu virtuosismo para representar as características arquitetônicas, os elementos de aço fundido, os pilares tubulares, os nós das treliças, e os pinos de aço polido.

De fato, após um ano de estudos e inúmeras consultas, os arquitetos do Beaubourg e sua equipe internacional atribuíram cores precisas à construção futurista, seus cabos e arcos. O projeto funcional foi conjugado com o azul para o ar condicionado, o verde para os encanamentos de água, o amarelo para a elétrica e o vermelho para os sistemas de circulação de ambos visitantes e obras de arte.

Utilizando-se da frontalidade para reger as composições, de Castro pintou a miragem dos tubos, revelando planos em avanço e recuo e a topologia da adjacência. Parece ter magnificado as técnicas de representação ao mesmo tempo que criou tensão com a possibilidade de abstração, que já ocupa seu pensamento e sua caminhada artística.

Gerhard Richter, uma grande influência em sua carreira, descreveu a janela “como uma metáfora da capacidade do suporte de criar outra realidade.”

O talento para reimaginar e criar ilusões representacionais confirma a gramática íntegra de construção do pintor brasileiro. A composição elaborada e dinâmica de suas pinturas depende de volumes (e distância) que contribuem para a experiência do espaço. A lógica visual organiza as áreas intermediárias entre a sombra e a luz, entremesclando estruturas e uma orquestração completa das cores.

Da superfície lisa das pinturas geométricas intensamente coloridas, parece emanar um calor enraizado na fase inicial do artista, quando trabalhava usando a técnica do pastel.

A utilização de material com pigmentos de bastões pasteis sobre papel estabeleceu uma base sólida para demonstrar o domínio total da cromática. O retrato ocupou alguns anos de sua trajetória multifacetada. Em seu *Período Brasília*, produziu uma série baseada em suas fotografias de brise, capturando nos edifícios modernistas, alusões de sombras da luz tropical em movimento. O volume tridimensional e uma gama de cores infundiram em seu trabalho efeitos plásticos modulados.

No início de sua carreira, de Castro escolheu a pintura realista, que revelou seu talento e introduziu narrativas polêmicas sobre o caos na sociedade, a discriminação de gênero, a religião, o preconceito e a necessidade de construir um futuro mais inclusivo. Aqui, também, notamos uma intersecção entre o tipo de preconceito duplo, racial e de gênero, simultâneo, estudado por Kimberlé Crenshaw, professora em Direito.

A rigorosa disciplina e o virtuosismo de Hildebrando de Castro o levaram a explorar a noção de espaço construindo esculturas geométricas em relevo. Às vezes, relevos de madeira pintados eram associados a uma pintura, oferecendo aos colecionadores dípticos atemporais com gradação de tons e forte presença. Nessa fase, seu trabalho estava livre de conotações simbólicas, embora seja plausível que se expressasse contra a falta de construção política democrática e defendesse a boa governança.

O escritor francês Elie Faure enfatiza que “a natureza humana é encontrada mais na profundidade do que na superfície.” A profundidade espacial, a interação de luz e sombra e a gramática pura da construção não são meras intersecções entre o acaso e o significado. A perspectiva multiponto altamente complexa afirma a convicção do artista de que a troca de vários pontos de vista enriquece a qualidade das interações humanas.

Com esta série, de Castro move-se claramente para um novo âmbito de expressão. As sete telas são *sui generis* em sua produção, contemporâneas e elegantes, com elementos de classicização e um *je-ne-sais-quoi* dos Mestres do Renascimento. O artista diz que considera esta série uma transição que, de qualquer forma, dará perenidade à sua trajetória artística. É também possível considerá-la como um destaque e uma síntese em sua vida, a soma de todas as convergências – no cânone da grande arte.

Lara @sampaforlife

“Construir é um grande ato, um gesto em direção à paz, o oposto da destruição.” – Renzo Piano

Uma janela de oportunidade política – após os protestos estudantis de maio de 1968 – e a necessidade de renovação urbana abriram o caminho para a criação de um centro cultural multidisciplinar no coração de Paris. O presidente Georges Pompidou expressou vontades de democratizar o acesso à arte contemporânea. Seu objetivo também era elevar o status cultural da capital francesa na arena internacional.

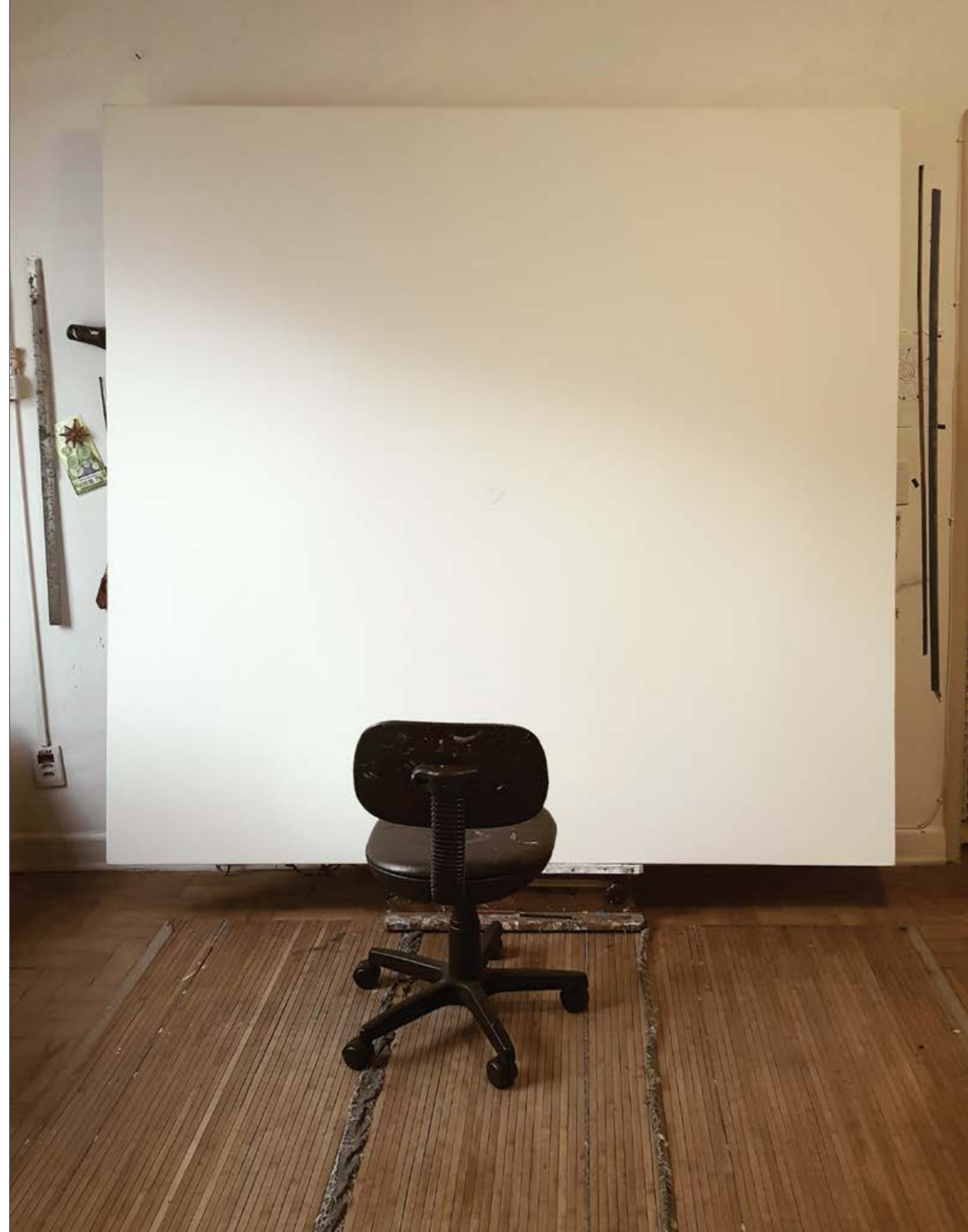
No final de novembro de 1970, Pompidou assinou um decreto que permitia o lançamento de um concurso de arquitetura para transformar sua visão em realidade. Todas as embaixadas francesas foram mobilizadas para catalisar o processo; 20.000 arquitetos foram convocados. Entre os integrantes do comitê de seleção internacional estava o brasileiro Oscar Niemeyer. No total, 681 propostas lacradas, oriundas de 49 países foram enviadas anonimamente.

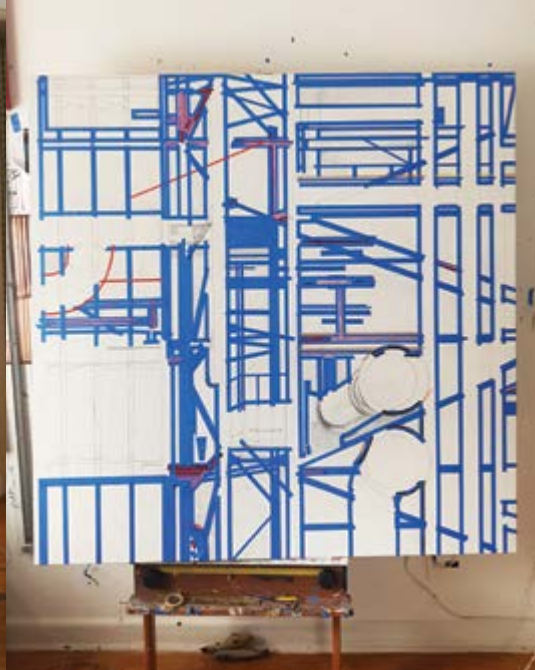
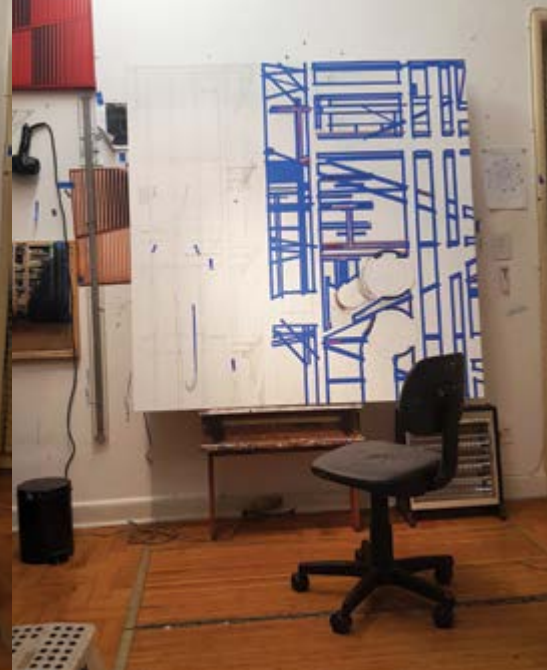
O projeto vencedor, com o número 493, foi assinado pelos arquitetos Renzo Piano e Richard Rogers, em colaboração com Ove Arup & Partners. Piano e Rogers, com trinta e poucos anos, se mudaram para Paris e abriram um escritório para supervisionar o projeto do início à sua conclusão.

O complexo de arte contemporânea e sua vasta biblioteca pública não foram concebidos para ser “um monumento elitista” reservando acesso a especialistas, mas sim “um fórum introduzindo a cultura no domínio público”, inclusive no bairro.

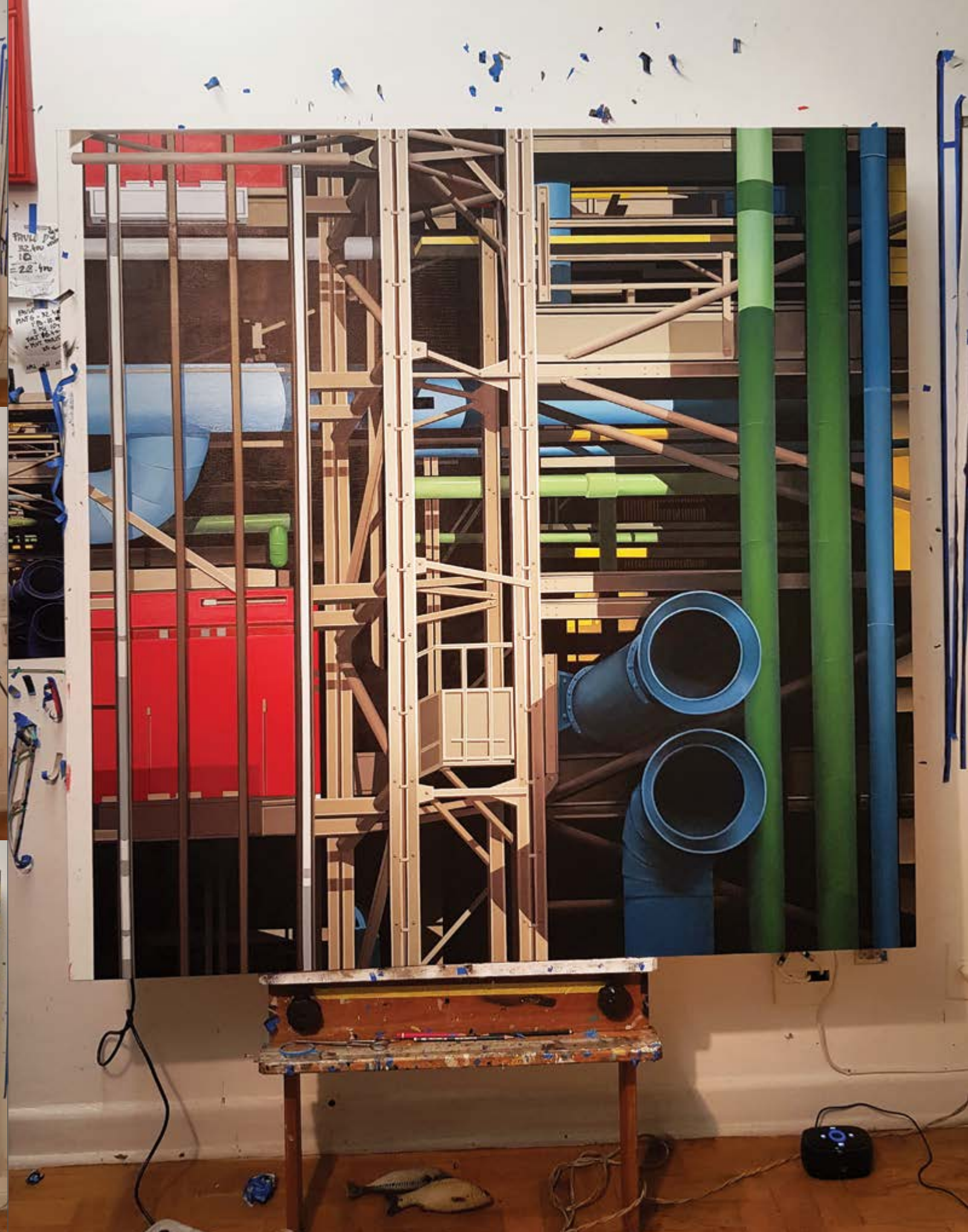
Apesar das controvérsias iniciais sobre o edifício de aparência industrial feito de aço moldado e vidro, o emblemático Centre Georges Pompidou tornou-se, desde o dia de sua inauguração, uma superestrela. Suas exposições e eventos atraem milhões de visitantes todos os anos. Sua praça ligeiramente inclinada não só guia os transeuntes em direção à entrada, mas também promove o pluralismo cultural e se tornou um símbolo de coexistência entre artistas de rua, acrobatas, e músicos.

O Beaubourg fechará suas portas ao público no final de 2023 para reformas substanciais. O Centro reabrirá no seu quinquagésimo aniversário em 2027. Obviamente, o anúncio causou alguma decepção, no entanto, os arquitetos do Beaubourg tinham, desde o início, previsto que mesmo que “não pudessem prever o futuro”, pretendiam criar “um espaço para o futuro se desdobrar” e escrever História de um século ao outro.









“The artist is operating at the intersection of more than
one intention.” – Adrian Stokes

INTERSECTION



The Zipper gallery is pleased to present "Intersection" – an exhibition of works by Hildebrando de Castro executed from 2019 to 2021. Here, lines of force and perspective are a central theme. The artist undertakes, in a world of precarity, to offer us the opulence of colors and, in each of his tableaux, to open a gateway to three dimensional space.

The original Latin word, "intersect", means to "divide into parts." In this ensemble of seven acrylic paintings, de Castro relies on geometry and optics. He clearly establishes divisions and, at the same time, creates junctions through horizontals, verticals, and diagonals. Lines (the paths of moving points), planes, and chromatic gradations are juxtaposed but find a point of intersection.

This artistic stance echoes philosopher François Cheng's theory according to which "all true beauty we apprehend consists of intersection and interaction, that is to say, active encounters on many levels."

De Castro travels regularly to widen his horizons of discovery. In 2019, the artist spent several days rambling the streets of Paris to find a new subject to paint. The possibilities in the realm of contemporary architecture were plentiful. Finally, he took his inspiration

from structural engineer Peter Rice (1935-1992) who was known for his pioneering sense of innovation. Rice's strategic capacity to push technical boundaries to limits enabled architects to design non-conventional buildings with "structural bravado" (the expression is borrowed from the late Ada Louise Huxtable, a brilliant architectural critic.) Renzo Piano and Richard Rogers maximized the architectural visual identity of the Centre Georges Pompidou based on Peter Rice's mathematical skills and poetic sensitivity. Together, they won the international competition to build an architectural landmark of the twentieth century, a forum for public participation and co-creation. The Parisian art and cultural center, inaugurated in 1977, the year de Castro turned 20, has truly become a space of collective memory.

The cheerful power of color, the spectacular details, and the possibility to express the malleability of perspective crystallized de Castro's interest. Edward S. Casey, the American specialist in phenomenology, underlines that "elements of architecture are not visual units or gestalt; they are encounters, confrontations that interact with memory."

Beaubourg, the geometric powerhouse of glass and steel, put de Castro's imagination at the intersection of past and present. He deliberately selected the color-coded façade elevation facing the Rue du Renard, on the other side of the main plaza. For several days, he observed the passage of sunlight and clouds, their reflections and the intersection of shapes. It was a moment of awe.

Upon return to São Paulo, Hildebrando de Castro approached his creative endeavor with a high degree of sophistication. The paintings were labored on for months during the pandemic. He deployed his virtuosity to render, on canvas, the architectural features, the cast steel elements, the tubular pillars, the knots of the trusses, and the polished steel pins.

In fact, after a year-long brainstorming and numerous consultations, the architects and their international team had attributed precise colors to the futuristic construction, its cables and arches. The functional design was coupled with blue for air conditioning, green for water pipes, yellow for electricity and red for circulation systems of both visitors and works of art.

Using frontality to govern the compositions, de Castro painted the mirage of pipes, revealing advancing and receding planes and "the topology of adjacency." He seems to have magnified representation techniques while, at the same time, creating tension with the possibility of abstraction, which has been on his mind for some time.

Gerhard Richter, a towering influence in de Castro's career, compared the window "as a metaphor for the ability of the medium to create another reality."

The talent to reimagine and to create representational illusions confirms the Brazilian painter's solid grammar of construction. The elaborate and dynamic composition of his paintings depends on volumes (and distance) which, in turn, contribute to the experience of space. Visual logic organizes intermediate areas between shadow and light, intermingling structures and a full orchestration of colors.

The smooth, lustrous surface of the richly-colored geometric paintings seems to diffuse a warmth rooted in de Castro's initial phase as a pastel artist. As a matter of fact, employing pastel color pigment on paper established a solid base to attain mastery in handling chromatics. Portraiture occupied a few years of his multi-faceted itinerary. In his Brasilia Period, he produced a series based on his photographs of brise-soleils, capturing on the modernist buildings' envelope, the hints of shadows of shifting tropical light. Three-dimensional volume and an array of colors infused his work with modulated plastic effects.

Earlier in his career, de Castro mastered realistic painting, which revealed his talent and introduced controversial narratives on chaos in society, gender discrimination, religion, prejudice, and the need to build a more inclusive society. Here, too, we note an intersection between the double kind of simultaneous racial and gender prejudice studied by Kimberlé Crenshaw, the civil rights activist and legal scholar.

De Castro's rigorous discipline and virtuosity led him to explore the notion of space by building timeless geometric relief sculptures. At times, painted wooden reliefs were associated with a painting, offering collectors diptychs with superb gradation of tones and presence. At that stage, his work was free of symbolic connotations, although it is plausible that he expressed himself against social disorder and advocated for democratic governance.

French writer Elie Faure emphasizes that "human nature is found more in depth than on the surface." The spatial depth, the interplay of light and shadow, and the pure grammar of construction are not mere intersections between chance and meaning. Highly-complex multipoint perspective affirms the artist's conviction that the exchange of multiple points of view improves the quality of human interactions.

With this series, Hildebrando de Castro clearly moves to a new realm of expression. The seven canvasses are in a class of their own, utterly contemporary and elegant, with classifying elements and a certain je-ne-sais-quoi of the Renaissance Masters. The artist says he considers this series as a transition, which, in any case, will give perennity to his artistic journey. One can also see it as a highlight and a synthesis in his well-examined life, the sum of all convergences — in the canon of great art.

Lara @sampaforlife

“Building is a grand act, a gesture toward peace, the opposite of destruction.” – Renzo Piano

A window of political opportunity after the May 1968 students’ protests and the need for urban renewal opened the way for the creation of a multidisciplinary cultural center in the heart of Paris. President Georges Pompidou had formulated aspirations to democratize access to contemporary art. His goal was also to enhance the cultural status of the French capital in the international arena.

In late November 1970, the French President signed a decree which permitted the launch of an architectural competition which would translate his vision into reality. All embassies were mobilized to catalyze the process; 20,000 architects were solicited. Among the members of the international selection committee was Brazilian Oscar Niemeyer. In total, 681 sealed proposals from 49 countries were submitted anonymously.

The winning entry, bearing number 493, was signed by architects Renzo Piano and Richard Rogers who collaborated with Ove Arup & Partners. Piano and Rogers, in their early thirties, moved to Paris to open an office and oversee the project from inception to completion.

The contemporary art complex and its vast public library were not designed to be “an elitist monument” reserving access to specialists but rather “a forum bringing culture into the public domain,” including into the neighborhood.

In spite of initial controversies on the industrial-looking building made of moulded steel and glass, the emblematic Centre Georges Pompidou became, from opening day itself, a megastar. Its exhibitions and events attracted millions of visitors every year. Its slightly inclined plaza not only guided passers-by toward the entrance but promoted cultural pluralism and became a symbol of coexistence for street artists, acrobats and musicians.

Beaubourg will close its doors to the public at the end of 2023 for major renovations. The Center will reopen for its fiftieth anniversary in 2027. Obviously, the announcement caused some disappointment, however, Beaubourg’s architects had, from the onset, envisaged that even if they “could not predict the future,” they had meant to create “a space for the future to unfold” and accumulate additional history from a century to the next.

“L’artiste opère à l’intersection de multiples intentions.”
– Adrian Stokes

INTERSECTION



La galerie Zipper a le plaisir de présenter "Intersection" - une exposition qui réunit sept œuvres majeures réalisées par Hildebrando de Castro entre 2019 et 2021. Dans un monde où la pandémie a aggravé la précarité, l'artiste s'éloigne délibérément de toute sobriété visuelle. Il nous offre une expérience esthétique intense, l'opulence des couleurs, et nous invite à parcourir des yeux la trame tridimensionnelle de ses compositions.

Le mot latin original "intersect" signifie "diviser en parties." Dans cette série de toiles peintes à l'acrylique, Hildebrando de Castro s'appuie sur les lois de l'optique géométrique. Il établit clairement des divisions, juxtapose les registres et gradations chromatiques, crée des jonctions entre lignes horizontales, verticales et diagonales avec une parfaite maîtrise de la perspective.

Cette démarche esthétique fait écho à la théorie du philosophe François Cheng selon laquelle "la beauté implique un entrecroisement, une interaction, une rencontre..."

En 2019, l'artiste s'était rendu en Europe avec l'intention de photographier l'Institut du Monde Arabe qui avait déjà suscité son intérêt de par sa valeur architecturale. En arpantant les rues de Paris, Hildebrando de Castro s'est finalement fixé sur la façade de

verre et d'acier du Centre Georges Pompidou, du côté Est, le long de la rue du Renard. Le peintre a été profondément séduit par les éléments de la structure futuriste dessinée par l'ingénieur Peter Rice (1935-1992) du bureau d'études techniques Ove Arup.

Jour après jour, de Castro a observé, sur les parois de verre, le passage de la lumière et des nuages, leurs reflets et l'intersection des formes. Cela lui a permis de retranscrire la flamboyance des couleurs, les détails spectaculaires de l'ossature tubulaire et d'exprimer, avec brio, la malléabilité de la perspective.

Les architectes Renzo Piano et Richard Rogers (1933-2021) avaient conçu Beaubourg comme un pôle culturel polyvalent, un forum de participation du public, un lieu de co-création pluridisciplinaire. L'utopie fondatrice et la forte identité architectonique du Centre Beaubourg, inauguré en 1977, l'année des vingt ans de l'artiste (qui a vécu à Paris dans sa jeunesse), l'ont sans doute placé - dans sa biographie personnelle - au carrefour du passé et du présent.

Edward S. Casey, le spécialiste américain de la phénoménologie, souligne que "les éléments de l'architecture ne sont pas des unités visuelles ou des gestes ; ce sont des rencontres, des confrontations qui interagissent avec la mémoire."

De retour à São Paulo, à 9.400 kilomètres de Paris, pendant les longs mois de confinement imposé par la pandémie, Hildebrando de Castro a minutieusement élaboré ses tableaux. Il a déployé toute sa virtuosité artistique pour rendre sur la toile l'esprit dynamique de Beaubourg.

Les architectes et leur équipe internationale avaient attribué, après de longs pourparlers, des couleurs précises à leur édifice. Fonctions et couleurs avaient été couplées et il avait été décidé de sélectionner le bleu pour la climatisation, le vert pour les conduits d'eau, le jaune pour les installations électriques et le rouge pour les systèmes de circulation des visiteurs et des oeuvres d'art.

Utilisant la frontalité pour parfaire ses compositions, de Castro a peint le mirage des tubes d'acier, des piliers, des balanciers, des poutres de la façade, révélant "la topologie de la contiguïté." Il semble avoir magnifié les techniques de représentation tout en créant une dialectique avec la possibilité d'abstraction.

Gerhard Richter, figure dominante dans la carrière d'Hildebrando de Castro, a comparé la fenêtre à "une métaphore de la capacité du médium à créer une autre réalité."

La surface lisse et satinée des peintures géométriques et richement colorées semble diffuser une radiance qui découle, sans doute, de la phase initiale du peintre en tant que pastelliste puis portraitiste.

Lors de sa Période "Brasilia", Hildebrando de Castro a produit une série capturant la lumière tropicale changeante sur les brise-soleils des bâtiments modernistes. Un volume tridimensionnel et un éventail de tons et couleurs ont infusé son travail d'effets plastiques modulés.

Plus tôt dans sa carrière, de Castro s'est distingué dans le domaine de la peinture réaliste. Il a introduit, dans ses tableaux et installations, des récits controversés sur le chaos dans la société,

la discrimination fondée sur les questions de genre, la religion, les préjugés et la nécessité de construire une société inclusive. Ici aussi, se révèle une intersection, celle de la simultanéité de stéréotypes raciaux et préjugés sexistes tels qu'ils ont été décryptés par Kimberlé Crenshaw, juriste et militante dans le domaine des droits humains.

La discipline rigoureuse et la sophistication d'Hildebrando de Castro l'ont également conduit à explorer la notion d'espace en créant des sculptures (reliefs) géométriques et intemporelles. Parfois, il offre aux collectionneurs des diptyques associant un relief en bois à une peinture du même format reprenant les mêmes tons gradués. Ces oeuvres ne contiennent aucun symbole, mais il est plausible qu'elles révèlent, dans leur construction, des aspirations pour la consolidation de la gouvernance démocratique.

L'écrivain français Elie Faure souligne que "la nature humaine se trouve plus en profondeur qu'à la surface." La profondeur spatiale, la délimitation des espaces, l'interaction de l'ombre et de la lumière ainsi que la logique visuelle qui organise des zones intermédiaires ne sont pas de simples intersections entre le hasard et le signifié. Les effets de perspective très complexes affirment la conviction de l'artiste que l'échange de points de vue multiples enrichit la qualité des interactions humaines.

Avec la série Beaubourg, Hildebrando de Castro passe clairement à une nouvelle phase. Les toiles sont magistrales, élégantes et contiennent des éléments de l'art renaissant. L'artiste considère cette série comme une transition dans son parcours. Le public ne manquera pas d'appréhender ces oeuvres à la fois comme une synthèse, un point culminant, la somme de toutes les convergences.

Lara @sampaforlife

“Construire est un grand acte, un geste vers la paix, le contraire de la destruction.” – Renzo Piano

Un faisceau d’opportunités politiques après les manifestations de mai 1968 ainsi que la nécessité de réaménagements urbains dans le quartier des Halles ont ouvert la voie à la création d’un centre culturel multidisciplinaire au cœur de Paris. Le président Georges Pompidou avait formulé sa volonté de démocratiser l’accès à l’art contemporain. Son objectif était également de renforcer le statut culturel de la capitale française sur la scène internationale.

Fin novembre 1970, le président français a signé un décret qui permettait le lancement d’un concours international d’architecture pour concrétiser sa vision. Les ambassades de France ont été mobilisées pour catalyser le processus ; 20.000 architectes ont été sollicités. Parmi les membres du jury international se trouvait l’architecte brésilien Oscar Niemeyer. Au total, 681 propositions scellées en provenance de 49 pays ont été soumises anonymement.

Le projet lauréat, portant le numéro 493, a été signé par les architectes Renzo Piano et Richard Rogers qui ont bénéficié de la collaboration du cabinet d’études Ove Arup. Piano et Rogers se sont installés à Paris afin de veiller à la mise en oeuvre du projet de construction.

Le centre d’art contemporain et sa vaste bibliothèque publique n’ont pas été conçus pour être “un monument élitiste” réservé aux spécialistes. Il a représenté “un forum intégrant la culture dans le domaine public”, y compris dans le quartier.

Malgré les controverses initiales critiquant le bâtiment industriel en acier moulé et en verre, l’emblématique Centre Georges Pompidou est devenu, dès le jour de son inauguration, un pôle d’attraction.

Ses expositions et événements ont atteint, chaque année, des records d’affluence. Sa “piazza” légèrement inclinée a non seulement guidé les passants vers l’entrée principale, mais a également favorisé le pluralisme culturel. Cette esplanade est devenue un symbole de coexistence entre les artistes de rue, les acrobates et les musiciens.

Beaubourg fermera ses portes au public à la fin de 2023 en vue d’importantes rénovations et transformations. Le Centre rouvrira à l’occasion de son cinquantième anniversaire en 2027. Évidemment, cette décision a suscité une certaine déception, mais les architectes de Beaubourg avaient, dès le début, envisagé que même s’ils “ne pouvaient pas prédire l’avenir”, ils avaient l’intention de créer un espace permettant, d’un siècle à un autre, dans une flexibilité en fonctions des besoins, “l’évolution perpétuelle de la création”.





AGRADECIMENTOS

Em outubro de 2019, pensando em meu novo projeto, fui à França com a finalidade de fotografar novamente o interior do Instituto do Mundo Árabe, uma verdadeira joia da arquitetura projetada pelo arquiteto Jean Nouvel. Conheci este prédio pela primeira vez em 2011, em um dia super ensolarado. Sua fachada é inspirada na geometria árabe com diafragmas que controlam a entrada da luz. Lembro de ter ficado maravilhado com os raios de luz que atravessavam esses mucharabis, refletindo fantásticos desenhos geométricos pelas paredes e pelo chão, no interior do prédio.

Em minha pesquisa, sempre exploro a luz do sol ou a luz projetada com suas sombras marcadas. No entanto, era outono e Paris estava bem nublada com breves instantes de sol. Fotografei alguns espaços no interior do Instituto, porém nada, naquelas imagens, me deu condições técnicas para construir, na tela, o prédio da forma como imaginara.

Aproveitei a estadia visitando galerias e museus. Em um desses dias, quando observava a parte de trás do Centro Cultural Georges Pompidou, justamente aquela parte projetada pelo engenheiro Peter Rice, pelo acaso da sorte, o sol apareceu. Gosto muito de grandes máquinas e viajei através das cores vibrantes, das engrenagens que se cruzavam como se fossem um enorme organismo vivo e exposto ali na estreita rua , que parecia não comportar tamanha estrutura.

Foi exatamente naquele momento que mudei por completo meu projeto. Mesmo sabendo que conseguiria captar apenas recortes da fachada do prédio, seria impossível não reconhecer meu novo objeto de criação. Tentei voltar outros dias de pequenos momentos de sol, mas tudo já tinha sido resolvido no prazeroso passeio.

Então vieram 2019/20/21, os anos que ficarão para sempre marcados em nossas vidas de diferentes maneiras. Passei toda essa quarentena interminável no estúdio, pintando quase sem parar. Considero que esta entrega me ajudou a não pirar e resultou nesta série: uma passagem importante na minha pesquisa sobre arquitetura e a pintura de representação.

Comecei a trabalhar nesta série de pinturas, no final de 2019, com a intenção de inaugurá-la no final de 2020. Logo na primeira fase de desenvolvimento do trabalho, desconfei que seria impossível cumprir aquele prazo. Fui surpreendido com infinitudes de detalhes para executar na tela, numa ordem de complexidade que nem havia imaginado. Assim, o aumento do volume de trabalho exigiu muito mais tempo do previsto inicialmente e foi imprescindível contar com a compreensão de todas as pessoas envolvidas no processo de abertura da exposição. Depois de alguns encontros, resolvemos aguardar o tempo que a criação das obras se impunha a mim próprio.

Quero demonstrar meu reconhecimento pelo apoio de todos da Zipper Galeria. Sem tal suporte teria sido muito mais difícil atravessar aquele período. Muito obrigado, Fabio Cimino, Lucas Cimino, Osmar Santos, André Larcher, Cibele Ferreira, Mayara Serra, Núria Vieira, Jaelcio X. Ferreira e Jerry Toussaint.

Agradecimento especial ao parceiro de estúdio e amigo Fábio Menino, meu braço direito e esquerdo nessa temporada. Obrigado Jorge Morabito, grande parceiro no projeto gráfico e Numa Ciro, amiga e parceira fundamental. Merci beaucoup, Lara, pelo texto, pela dedicação e amizade.

HILDEBRAND DE CASTRO



FOTO: JONATHAN DE FREITAS

ACKNOWLEDGEMENTS

In 2019, as I was thinking about my new exhibition project, I went to France to photograph the interior of the Arab World Institute, a true architectural gem designed by architect Jean Nouvel. I saw this building for the first time in 2011, on a very sunny day. Its façade is inspired by Arabic geometry with diaphragms that control the entry of light. I remember being amazed by the rays of light passing through the mashrabiya, casting fantastic geometric designs on the walls and floor inside the building.

In the course of my research, I explore sunlight or projected light with its outlined shadows. It was autumn, however, and Paris was overcast with brief flashes of sunlight. I photographed some spaces inside the Institute, but nothing, in those images, gave me the technical conditions to create, on canvas, the building in the way I had imagined.

I spent most of my stay visiting art galleries and museums. One day, the sun appeared unexpectedly as I was looking at the Eastern façade of the Georges Pompidou Cultural Centre, precisely that part designed by engineer Peter Rice. I really like big machines and I lost myself in those vibrant colors and interlocking gears as if they were a huge living and exposed organism, there, in that narrow street, which didn't seem to be able to hold such a structure.

It is at that very moment that I completely changed my project. Aware that I would only be able to capture small parts of that side of the building, it would be impossible not to recognize my new creative object. I went back to Beaubourg on other days during brief moments of sunshine, but everything had already been resolved during that pleasant walk.

Then came 2019, 2020 and 2021, the years that will forever be etched into our lives in different ways. I spent the endless quarantine in my studio, painting almost non-stop. I believe that my full-time commitment helped me not to break down and resulted in this series: an important transition in my research on architecture and representational painting.

I started working on this series of paintings at the end of 2019, with the intention of showing it at the end of 2020. During the first phase of development of the work, I suspected that it would be impossible to meet that deadline. I was surprised by the infinity of details to be executed on the canvas, in an order of complexity that I had not imagined. Thus, the increase in the volume of work required much more time than initially planned and it was essential to obtain the understanding of all the professionals involved in the process of setting up the exhibition. After a few meetings, we decided to wait for the time that the creation of the works imposed on me.

I would like to express my deep appreciation for the support of everyone at Zipper Gallery. Without such support it would have been much more difficult to get through that period. My gratitude goes to Fabio Cimino, Lucas Cimino, Cibebe Ferreira, Jaelcio X. Ferreira, André Larcher, Osmar Santos, Mayara Serra, Jerry Toussaint and Núria Vieira.

Special thanks to my studio partner and friend Fábio Menino, my right hand at this time. Thank you to Jorge Morabito, great partner in the graphic project and to Numa Ciro, long-time friend and anchor in uncertain situations. Merci beaucoup, Lara for the text, dedication and friendship.

REMERCIEMENTS

Dans la perspective de mon nouveau projet d'exposition, je me suis rendu en France en 2019 afin de réaliser des prises de vue de l'intérieur de l'Institut du Monde Arabe, véritable joyau de l'architecture, conçu par l'architecte Jean Nouvel. J'avais découvert ce bâtiment en 2011, lors d'une journée ensoleillée. La façade, composée de diaphragmes qui filtrent l'entrée de la lumière, s'inspire de la géométrie arabe. J'avais été fasciné par le parcours des rayons de lumière qui traversaient ces moucharabiehs, reflétant de magnifiques formes géométriques sur les murs et le sol, au sein même du bâtiment.

Dans mon approche et ma pratique de la peinture, j'explore avec constance la lumière du soleil ou la lumière projetée avec ses ombres marquées. Cependant, c'était l'automne et le ciel de Paris était nuageux avec de brefs moments d'ensoleillement. J'ai photographié quelques espaces à l'intérieur de l'Institut, mais les conditions techniques n'étaient pas réunies et ces images ne m'ont pas offert les qualités requises pour reproduire, sur la toile, les jeux de lumière tels que je les imaginais.

J'ai profité de mon séjour pour visiter des galeries d'art ainsi que des musées. Lors de l'une de ces journées, à la faveur d'une éclaircie, la façade arrière du Centre Georges Pompidou, précisément la partie conçue par l'ingénieur Peter Rice, a capté mon regard. Je suis passionné par les grandes machines et leur structure, et mon attention s'est cristallisée sur les couleurs vives, les engrenages qui se croisaient comme s'il s'agissait d'un gigantesque organisme vivant exposé, de façon inattendue et improbable, dans cette rue étroite.

C'est alors que j'ai pris la décision de modifier le thème de mon exposition. Je ne pouvais capturer que des fractions de cette partie du bâtiment, toutefois, chacun reconnaîtrait "Beaubourg," mon nouvel objet de création. Les jours suivants, j'ai flâné sur la rue du Renard, dès qu'il y avait un peu de soleil, afin de parfaire ma vision.

Les années 2019, 2020 et 2021 se sont succédées et ont marqué nos vies à jamais, de manière différente. J'ai passé cette quarantaine sans fin dans mon atelier, peignant de façon pratiquement ininterrompue. Je crois que cela m'a fourni un ancrage permettant l'élaboration de cette série qui représente un passage important dans mes recherches sur l'architecture et la peinture de représentation.

J'ai commencé à travailler sur cet ensemble de peintures à la fin de 2019, avec l'intention d'exposer fin 2020. Dès la première phase de développement des travaux, j'ai eu le sentiment qu'il serait impossible de respecter cette attente. J'ai été surpris par la multitude de détails à traiter sur la toile, dans un ordre de complexité que je n'avais pas envisagé. Ainsi, l'augmentation du volume de travail a nécessité beaucoup plus d'investissement en termes de temps que prévu initialement. Il devint alors essentiel de compter sur la compréhension de toutes les personnes impliquées dans le processus de mise en oeuvre et d'ouverture de l'exposition. Après quelques réunions, nous avons décidé d'attendre le temps que la création des œuvres m'imposait.

Je souhaite exprimer ma reconnaissance à toute l'équipe de la galerie Zipper pour son soutien. Sans de tels encouragements, il aurait été beaucoup plus difficile de traverser cette période. Je voudrais remercier Fabio Cimino, Lucas Cimino, Cibebe Ferreira, Jaelcio X. Ferreira, André Larcher, Mayara Serra, Osmar Santos, Núria Vieira et Jerry Toussaint.

J'adresse mes plus chaleureux remerciements à Fábio Menino, ami et partenaire au sein de mon studio, mon bras droit pendant cette saison parisienne à São Paulo. Merci à Jorge Morabito pour sa collaboration dans le domaine de la conception graphique. Avec toute ma gratitude à mon amie de toujours, mon interlocutrice fondamentale, Numa Ciro. Enfin, mille mercis à Lara pour le texte critique et son amitié.

HILDEBRANDO DE CASTRO

